

EDUCAÇÃO

# Educar para a igualdade de gênero é dever de todos

*Azul é de menino, rosa é de menino. Elas brincam de boneca, eles de carrinho. Essas 'regras' presentes inclusive em ambiente escolar refletem estereótipos impostos pelo machismo. Essa "forma de pensamento e comportamento não reconhece a igualdade de direitos e também de deveres entre os gêneros sexuais, levando os homens a se sentirem superiores e dotados de um poder de submissão da mulher. Fica estabelecida uma hierarquização onde o homem assume instância superior e a mulher inferior", destaca a Dra. Maria Clara Ramos Nery, doutora em Ciências Sociais, professora da Uerj - unidade Cruz Alta.*

O machismo tem fortes raízes nos artefatos culturais construídos, valores familiares, mídia, na estrutura social patriarcal e na religião. Seus estereótipos determinam "o que o homem deve ser, quais suas ações que demonstram sua masculinidade, sua força e capacidade de liderar e também com relação a mulher, submissa, a que deve cuidar da casa, dos filhos e ser boa esposa, manter a casa em ordem e assim por diante". Na escola, a cor azul é do menino, a rosa é da menina, ela brinca com brinquedos que a marquem como mãe e ele com brinquedos que envolvam sua força. "São formas de pensar internalizadas por indivíduos e grupos na sociedade, que levam ao não reconhecimento do outro enquanto mulher, homossexual, transexual, como está acontecendo muito em nossa contemporaneidade brasileira, gerando desenfreada violência", pondera Dra. Maria Clara.



*Dra. Maria Clara Ramos Nery, doutora em Ciências Sociais, cita Rilke: "E todas as grades são feitas por mãos humanas". "Uma reflexão das grades que construímos durante a vida e das formas que devemos buscar para conscientemente abri-las e compreender que elas existem e nos dominam me parece o passo principal."*

## COMO MUDAR

"Ainda muito insipiente a compreensão desta realidade e dos seus danos colaterais", avalia a cientista social. Para mudar a cultura machista, "a principal ação seria a compreensão real, sem ilusões ou busca de fugas para a realidade que está posta". "As pessoas tendem a ver a realidade em termos aparentes e não a observam no que ela tem de perverso e de possíveis danos colaterais", sublinha.

"A família está em crise e coloca para escola uma ação que é absolutamente dela, a educação de seus filhos, pois a família é a instância educacional primária e a escola secundária, pois a escola deve ensinar. O que está acontecendo é que, como a família está em crise diante de seu efetivo papel social, por uma série de circunstâncias sociais e econômicas, está levando a que a escola deva também exercer a educação primária e assim os professores ficam em dupla função. Neste contexto, não sei se família e escola podem refletir claramente sobre a realidade concreta contemporânea. E a questão é grave por isso, pois nenhuma realidade pode ser mudada se não é compreendida em sua essência."

A professora diz que não vê pais preparados para compreender a realidade, assim como não vê alguns professores com formação adequada para esta reflexão. "Esta cultura permanecerá se não nos questionarmos a respeito do que está acontecendo com a família, com a escola, com os professores e com as crianças, diante de tanta tecnologia, diante de tantos impasses presentes em nossa realidade familiar e educacional", defende Dra. Maria Clara. Questionada sobre como pais e professores podem mudar a cultura de gênero, ela reforça que a questão é difícil: "Não tenho uma resposta a esta questão, uma espécie de receita a dar, porque a vida não tem receitas, mas tenho questões, muitas questões. Estes lados da nossa vida família e escola, não estão precisos, claros e, sendo assim, o que nos cabe é a compreensão real e lúcida do porquê não estão imprecisos".

DIÁRIO SERRANO, 19 DE DEZEMBRO DE 2017

## NOTÍCIAS DA VERGAS UNIDADE EM CRUZ ALTA

### OLHAR PARA O TODO

Pais e professores precisam enfrentar a realidade na qual seus filhos e alunos estão inseridos, "vendo-a a partir de seus problemas, questionando acerca do mundo que está aí e dos efeitos colaterais que estão acontecendo, na família e nas salas de aula", indica Dra. Maria Clara. Ela destaca que é preciso a todos compreender que a sociedade e o mundo se pautam por aparências. "É o mundo da imagem, do simulacro, e nós precisamos questioná-lo para que possamos transformá-lo."

"Talvez devamos nos perguntar: qual meu papel social como pai e mãe, como professor e professora? Embora não tenhamos mais qualquer modelo a seguir, e é justamente por isso devermos nos questionar. Muitas pessoas fazem elogios a essa sociedade tecnológica, do espetáculo, da imagem. Não podemos negar o progresso existente, o desenvolvimento científico, é o espírito do tempo presente, mas precisamos pensar refletir sobre seus danos colaterais. O que estamos fazendo de nós mesmos? O que estamos fazendo de nossos filhos? O que estamos fazendo de nossos alunos? Creio que talvez seja isto, mas eu digo talvez, porque estamos numa fase de transição e nesta, definições não existem, mas creio que cabe a nós fazermos as perguntas certas. Perguntas certas geram respostas adequadas. A realidade não é de rosa que se veste."

### MACHISMO E SEUS DANOS

A escola tem um papel importante no reconhecimento da igualdade de gênero, assim como as famílias. Contudo, "os pais ainda são reticentes quando a escola propõem atividades mais integrativas, principalmente os homens: 'não, meu filho não vai brincar com boneca'". A cultura machista está presente em todas as instâncias da sociedade, conforme a professora, e no universo educacional também. "Por vezes os professores lidam com o fato contemporâneo das próprias mães preparando as filhas para serem atrativas, despertando precocemente sua sexualidade", cita.

O uso do batom em tenra idade, unhas pintadas, sapatos de salto e roupas que delineiam o corpo "é uma questão que os professores estão vendo como absolutamente grave, enquando corte na infância, principalmente das meninas. A sexualidade despertada precocemente é também em nossa concepção uma forma de manutenção do machismo, na medida em que reafirma a mulher como atrativo, objeto com corpo admirável, vista em sua aparência. Muitas mães inconscientemente estão fazendo isto, sem atentarem para os danos colaterais desta prática, e as meninas assim aparecem nas escolas, angustiando os professores", analisou Dra. Maria Clara.